

Royal Bank of Canada analisa "sem pressa"

por Mara Luquet
de São Paulo

O Royal Bank of Canada tem uma provisão de 45% para eventuais perdas com créditos da América Latina, o que permite ao banco analisar cuidadosamente todas as opções para negociar seus títulos brasileiros "sem pressa", como diz o representante do banco no Brasil, Adrian Clerc.

Conforme explica Clerc, no Canadá, "por sugestão do governo, os bancos têm de fazer uma provisão acima de 40% contra perdas de empréstimos à América Latina. Por isso os bancos canadenses estão com uma boa flexibilidade para atuar nas conversões". Segundo o representante do Royal, o banco não tem a menor intenção para "detonar seus créditos, pois acreditamos que a longo prazo o Brasil é viável".

Clerc conta que o Royal, que até agora nunca havia participado dos leilões de conversão, adotou a estratégia de melhorar as condições de seus créditos e já analisa projetos para conversão de créditos pró-

prios. "Temos em mãos projetos que estão sendo analisados altamente interessantes e que têm semelhança com setores do Canadá", anima-se o representante do Royal no Brasil, sem revelar os setores em que o banco pretende investir.

Os projetos em que o Royal investirá nos próximos meses estão direcionados, segundo Clerc, a incrementar as relações comerciais entre o Brasil e o Canadá. "Os investimentos têm grande vínculo com as relações econômicas com o Canadá."

ESTATAIS

"Há três estatais brasileiras que merecem atenção para investimentos, porque são empresas que evidenciam boas operações, por isso não estamos fechados à possibilidade de participar da privatização via conversão de nossos créditos", diz Clerc.

Conforme explica o representante do Royal, para investir em uma empresa estatal ou participar de sua privatização, é fundamental a análise da variável

vendas, "ou melhor, é imprescindível que o governo não seja controlador dos preços das tarifas".

"Hoje nós temos alternativas, o cardápio é muito bom", observa Clerc, referindo-se à atual estrutura de negociação da dívida externa brasileira. O Royal, segundo Clerc, tem um *exposure* de US\$ 1,2 bilhão, é o maior banco do Canadá, está no Brasil desde 1919, "trinta anos mais novo que a proclamação da República" e tem no País o Banco Royal do Canadá.

Para Clerc o contrato de renegociação da dívida externa é bom, mas o representante do Royal lamenta as limitações para as operações de *relending*, (reempréstimos de dívida vencida). "A cota de US\$ 5 milhões é muito pequena e nós não estamos dispostos a buscar cotas no mercado secundário de direitos de *relending*", diz. O ideal, na opinião de Clerc, é que permaneça a "velha idéia de sindicatos de bancos, ou seja, vários bancos atuando em uma mesma operação de *relending*".